



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

09 de fevereiro de 2015

Notícias do Dia Geral

“A vida dos nossos idosos”

Terceira idade / Expectativa de vida / IBGE / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Eddy Frantov / Neti / Núcleo de Estudos da Terceira Idade / UFSC / Sônia Maria da Silva / Funcionária aposentada / RU / Restaurante Universitário / Recepcionista na Reitoria / Fernando Marcondes de Mattos

Geral

EDITORA: Saraga Schiestl @saraga@noticiasdodia.com.br @saraga_ND



Plano. Determinada, agora a aposentada planeja viajar para os países escandinavos

A vida dos nossos idosos

Expectativas. Três moradores da Capital com mais de 70 anos mostram sua visão sobre a terceira idade

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

No começo de dezembro, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou dados mostrando que a expectativa de vida chegou a 74,9 anos no Brasil em 2013 – um avanço significativo em relação a 1980, quando a perspectiva não passava de 62,5 anos. E Santa Catarina foi destaque, liderando o ranking, com média de 78,1 anos, sendo 81,4 anos para as mulheres e 74,7 para os homens. O jornal *Notícias do Dia* repercutiu com três pessoas da terceira idade, com situações financeiras distintas, o que representa essa conquista e de que forma elas foram beneficiadas pela mudança. Além disso, elas falaram de suas vidas, das dificuldades que enfrentaram e das vitórias que alcançaram nos âmbitos pessoal e profissional.

A independência de Eddy Frantov

Os tempos eram de Guerra Fria, anos de racionamento e de rearranjos após o grande conflito que mudou a história do mundo. Um mundo masculino, que via com estranheza uma mulher trabalhando e falava mal das moças que estudavam à noite. Foi nesse ambiente, no final da década de 1940, que Eddy Frantov desafiou os ordens paternos, fez o curso de secretariado e virou funcionária de empresas em seu Estado, o Rio Grande do Sul. Quando a família se mudou para São Paulo, ela entrou na Phillips do Brasil, onde ficou durante 25 anos. Hoje, aos 86, voluntária do Neti (Núcleo de Estudos da Terceira Idade), vinculada à UFSC, é mais ativa que muitas mulheres de 50, mora sozinha e cogita, enfim, deixar de dirigir.

Para mulheres assim independentes, o aumento da expectativa de vida é uma bênção, mas nem todas chegam a essa idade com boa aposentadoria e saúde para afrontar o peso dos anos.

No caso de Eddy, a vida ensinou a ir à luta, trabalhando em empresas de ponta ao mesmo tempo em que criava dois filhos. Ela se uniu a um homem mais velho, ficou 26 anos casada e é viúva há 31. Até hoje lamenta ter perdido o marido, mas não deixou de ser voluntária e menos ainda de viajar – ano passado, passou 14 dias entre a Alemanha, a Itália e a França, e agora quer conhecer os países escandinavos.

A determinação de fazer carreira significava romper com o desejo dos pais, que queriam vê-la poliglota e que também a colocaram em cursos de corte e costura e bordado à máquina. “Querida ser gente, ter uma profissão, e falar várias línguas não combinava com a nossa pobreza”, diz, com um sorriso. Além disso, muito esforço era despendido para suprir as necessidades básicas como comprar farinha, óleo e açúcar – produtos racionados, vendidos em gramas, com o uso de vales individuais.

“
Tenho uma vida rica, sem sacrifícios. Sacrifício é trabalhar sem ter resultados

”
EDDY FRANTOV,
VOLUNTÁRIA DO
NETI, DA UFSC

Atividades mantidas com o voluntariado

Aos que lhe perguntam, ela se apoia no filósofo italiano Norberto Bobbio, para quem envelhecer é tornar-se mais fraco em termos biológicos e mais lento nos processos mentais, o que não impede de continuar vivendo.

Por isso, após décadas de atividade profissional, o voluntariado de Eddy começou na Sociedade Filantrópica Paulista, continuou na associação dos funcionários

da Philips Seguridade Social e se espalhou por outras instituições, até aportar ao Neti, onde está até hoje.

“Quando cheguei a Florianópolis, dez anos atrás, me sentia uma avó aposentada”, conta. “Por meio do Neti me integrei à cidade. Aqui estudei alemão e com o tempo descobri que ao redor da UFSC tem tudo o que preciso.”

Para quem conheceu a ilha de Java, o Oriente Médio, os lagos andinos e

palmilhou os Estados Unidos com um filho, cumprindo 5.000 milhas de carro, o que dizer de Florianópolis? “Aprecio a forma de viver dos manezinhos”, afirma Eddy. “Os parentes costumam ficar próximos uns dos outros e os idosos continuam no convívio familiar, morando na sua casinha, no mesmo terreno. Aqui também o atendimento aos idosos – são 109 grupos de terceira idade – é ótimo e fiquei encantada com

os postos de saúde dos bairros”, admite.

Eddy mora no Rio Vermelho, não é dependente dos dois filhos e quatro netos que moram na cidade e não frequenta cabeleireiros e lojas de grife.

Eddy quase não vê televisão e se diz patriota – e preocupada com o Brasil, porque “os políticos não se comportam como deveriam”. Uma palavra final? “Tenho uma vida rica, sem sacrifícios. Sacrifício é trabalhar sem resultados.”

Liberdade que faz falta

Moradora do Morro da Mariquinha, próximo à avenida Mauro Ramos, em Florianópolis, Sônia Maria da Silva tem saudade dos anos de juventude, das festas, dos bailes e da época em que acompanhava a torcida feminina do Figueirense nos jogos do time pelo Estado e fora dele.

Para ela, os avanços mostrados nos rankings oficiais fazem pouco sentido, porque onde mora não há posto de saúde e a segurança é precária, marcada por confrontos frequentes entre a polícia e traficantes. Com diabetes, pressão alta e colesterol acima do ideal, tem até deixado de ir à missa pela dificuldade em subir os adives e a escada que leva à porta de sua casa.

Por isso, aos 71 anos, ela diz que as coisas "mudaram para pior". Queixase da PM, que trata a população do

morro com truculência, e do fato de ter de ir até a Prainha, bem longe dali, para buscar remédios. O que a consola é a vizinhança, onde tem nada menos que 33 afilhados – daí a alcunha de Dindinha Sônia com que é tratada na comunidade. Tem duas filhas adotivas e uma neta que não sai de casa por causa da insegurança, e todos os anos gasta o 13º salário numa festa que reúne a vizinhança no Natal, dia que coincide com seu aniversário. "Tínhamos um tablado aqui perto que era uma maravilha, com baile para a criançada, mas um vizinho reclamou e a polícia proibiu", queixa-se.

Não há na Mariquinha, para desgosto de dona Sônia, um local onde as mulheres mais idosas possam fazer tricô, crochê ou bordado. A igreja não cede nenhum espaço e a creche tem outra finalidade.

Faz falta. De casa, no Morro da Mariquinha, a saudade do banho de mar na praia do Vai-Quem-Quer



O desafio de chegar bem aos 90

Para um empresário bem-sucedido, chegar perto dos 80 anos, e com saúde, é um estímulo para continuar empreendendo. No caso de Fernando Marcondes de Mattos, 76, há muito por realizar, mas seus planos incluem tornar-se nonagenário e reduzir de dois para um o número de turnos de trabalho. Para quem cumpriu três turnos, será um ganho relevante. O ex-secretário de Planejamento e Fazenda do Estado e empresário que administra a Inplac, o Costão do Santinho Resort e o Costão Golf admite que atravessar esta fase é um desafio – "apenas um entre dez octogenários chega aos 90", alerta –, mas colocou esta entre suas metas de vida.

Para chegar bem onde está, Marcondes seguiu, e ainda segue, um roteiro rigoroso: toma dois litros de água por dia, faz atividades físicas, tem alimentação adequada, mantém o peso estável, faz um check-up anual e, não menos importante, tem fé. Ele se exercita durante pelo menos quatro horas por semana, sendo duas em academia, e faz caminhadas ao sol para "ajudar os ossos e combater a depressão", além de comer frutas e verduras à vontade. Resultado: está com o colesterol em

dia e não tem problemas com a pressão arterial. Quanto à fé, entende ser o motor de todos os dias.

Problemas, aliás, não faltam mesmo para um empresário como ele. Ter sob sua responsabilidade perto de 1.500 funcionários e ser açoitado pelo rigor das leis trabalhistas não é para qualquer um. Esta é a causa do estresse que o importuna, porque "há mais preocupações do que alegrias". Ele precisa buscar mão de obra qualificada em Buenos Aires e nunca está livre das visitas da Justiça do Trabalho, com suas autuações e exigências. "Pela norma NR 12, que tem 340 artigos, uma máquina nova que vem da Alemanha não pode ser usada aqui. Ser mais rigoroso que os alemães é uma piada".

Para vencer o estresse, a leitura é um bom lenitivo. Um livro lido há pouco foi a obra mais recente do ex-ministro Mailson da Nóbrega ("O acaso favorece quem se prepara". Marcondes calcula que quando tiver mais um turno livre intensificará as leituras, passeará mais com a família e ampliará as caminhadas. Neste sentido, segue o slogan do resort que comanda: "mais anos em sua vida e mais vida em seus anos".

Memória do samba e do futebol

Ela ensinou tricô em casa para algumas jovens que se interessaram, mas hoje as prioridades são outras. "Para minha mãe, a filha mulher, e ainda mais pobre, não tinha que estudar", conta. Foi só até a quinta série, o que não a impediu de se aposentar como funcionária da UFSC, onde foi cozinheira do RU (Restaurante Universitário) durante 30 anos e recepcionista na reitoria.

O que alimenta suas memórias são os dias festivos do passado, quando ia aos bailes do Copa Lord (apesar de ser Protegidos da Princesa) e os jogadores do Avai e Figueirense frequentavam sua casa para beber longe dos olhos dos técnicos e cartolas. Zenon, Toninho Quintino, Célio, o tio Nelinho e o irmão Silva, destaque do elenco avaliano, estavam entre eles. Nega Tido, carnavalesca da gema, era sua prima.

"Eu fazia rifas na Universidade para viajar e ver os jogos do Figueira em

Criciúma, Tubarão e até Rio e São Paulo", recorda Sônia. Uma partida memorável foi o empate em 2 a 2 com o Palmeiras, no parque Antártica, em 1975, com dois gols de Toninho para o Alvinegro. "O que é bom não volta mais", diz, citando a famosa charanga das arquibancadas do estádio Orlando Scarpelli e o apoio do major Ortiga (Jose Mauro da Costa Ortiga), um dos maiores presidentes que o clube teve, para que a torcida feminina estivesse presente em todos os jogos.

Entre as lembranças também estão os banhos de mar, na infância, na praia do Vai-Quem-Quer, perto do Mercado Público e do antigo porto de Florianópolis. Hoje, do morro, enxerga o aterro que afastou o mar da cidade e os prédios que se multiplicaram, mas que não impedem de ver um por do sol melhor que o outro, da sacada de casa, na Mariquinha.



Pilares. Todos os dias, Marcondes toma dois litros de água e pratica atividades físicas

Mais tempo para ser turista

O empresário atribui parte da conquista de anos a mais na vida dos brasileiros ao aumento dos recursos da medicina, sobretudo a preventiva, e à universalização dos serviços de saúde, que ainda enfrenta o problema de insuficiência de recursos – porque 50 milhões de pessoas não têm como pagar pelo atendimento.

Por outro lado, o alargamento da expectativa de vida é bom para o turismo, e a previsão é de que em

2050 23% das pessoas (hoje são 7%) terão mais de 65 anos. "As empresas vão ter que aproveitar esse nicho de mercado", avisa Marcondes. No Costão, a terceira idade responde por 5% dos clientes, atualmente.

Com formação em direito, economia e administração, ele está convencido de que é preciso "transmitir mais informações de saúde para as pessoas, para que elas se preparem melhor para envelhecer."

Notícias do Dia
Paulo de Tarso Guilhon
"Propague – o mago da propaganda"

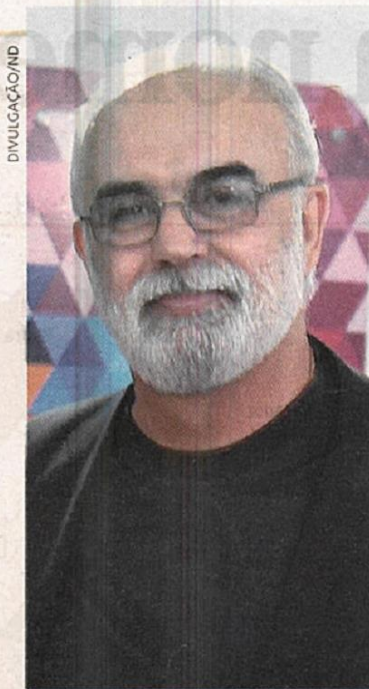
Roberto Costa / UFSC / Líder estudantil / Engenharia / Escrache bar / DCE /
Diretório Central dos Estudantes / Propague

ECONOMIA ÀS CLARAS

#coisas nossas

Propague – O mago da propaganda

Roberto Costa é um porreta, diria um baiano. Afinal, foi na Bahia que a veia do publicitário despontou. De lá, o estudante de engenharia da UFSC, líder estudantil da época, trouxe uma ideia que se transformou no Escrache Bar, no subsolo do DCE (Diretório Central dos Estudantes), na rua Álvaro Ramos. Inusitado, com uma geladeira pintada por Rodrigo de Haro e Martinho de Haro, o bar atraía gente de diversas tribos. Certa vez, Roberto recebeu um convite do publicitário Emílio Cerri que prometeu o mundo para que ele fosse trabalhar na Propague. Vendeu o bar. As limitações financeiras fizeram com que Roberto fosse demitido poucas semanas depois. Mas foi recontratado no mesmo dia para cuidar da parte administrativa. Daí, instalou-se em Blumenau para fazer a Propague prosperar por lá. Certa noite, na casa do poeta Lindolf Bell, Roberto trajava calça jeans e camiseta para espanto da sociedade blumenauense que usava paletó e gravata. Agressivo, conquistou



naquela noite a conta da Hering. De volta a Florianópolis, virou sócio da Propague. Mais tarde, tornou-se o único proprietário após ter recebido um telefonema de uma mulher com voz cavernosa. Primeiro ela perguntou por um sócio e depois pelo outro. Como pelo adiantado da hora ambos haviam saído, a misteriosa emendou: e o que tu estás fazendo aí essa hora, seu trouxa? Do outro lado da linha estava sua mulher, Lena. A Propague, premiada em Londres

e Nova York e com braços em São Paulo é conhecida e respeitada como uma espécie de patrimônio dos catarinenses. Nestes 53 anos, a empresa sempre foi proativa, prevendo, acompanhando e ditando tendências. "A comunicação mudou. Nossa visão é influenciar comportamentos." Hoje, o guarda-chuva da Propague abriga vários núcleos integrados, como o de varejo, digital, trends, branding e promo, explica Roberto. Fácil conversar com esse mago da propaganda. Difícil resumir 53 anos de histórias deliciosas em tão pouco espaço. A nossa entrevista teve dois tempos. No primeiro, deliciamo-nos com o passado. No segundo, divertimo-nos com o futuro. Tudo no tempo presente, como a propaganda feita por eles para incentivar a doação de órgãos que a televisão veicula. Mostra um doente, supostamente, terminal desacatando os parentes em volta da cama até o médico dizer que o problema do paciente resumia-se a gases. A campanha aumentou 72% os doadores. Listar os clientes é bobagem. Melhor perguntar quais das empresas conhecidas ainda trabalharam com a Propague. A Propague e Roberto Costa são nossas coisas, são coisas nossas.

A Notícia
ACIJ Informa
"A função de representar Joinville"

Joinville / Campus da UFSC



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

- [Linhas escolares de ônibus voltam a circular em Florianópolis](#)
- [Etapa presencial da matrícula na UFSC começa nesta segunda-feira](#)
- [Prazo de inscrições para concorrer a vaga de professor no Colégio de Aplicação da UFSC termina nesta terça-feira](#)
- [A realidade dos idosos que moram em Santa Catarina, Estado com a maior expectativa de vida do país](#)
- [Família tenta adiar execução de Rodrigo Gularte na Indonésia](#)
- [A interpretação da doutrina do adimplemento substancial \(Parte 1\)](#)
- [Mais de 500 mil alunos da rede estadual de educação voltam às aulas em Santa Catarina](#)
- [UFSC abre a temporada 2015 do projeto fotográfico #ufsc365](#)